

○ NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Não deixa de ser preocupante o que se passa hoje com o futebol no nosso país. Ele é rei incontestável e no entanto todos nos lembramos do que lhe sucedeu logo após o 25 de Abril. Foi relegado para segundo plano e os jornais da época traziam-no muito sumido nas profundezas do interior. A televisão, essa, como que humilhada da euforia de outras eras, referia-se-lhe muito sumidamente e não mais do que o restritamente necessário.

Havia um envergonhamento colectivo. O futebol tinha sido o grande alienador das massas; fazia esquecer os problemas da vida portuguesa; interpunha-se entre a autenticidade do cotidiano e a mente do espectador como cortina de fumo. Daí a sua abjuração por uma certa classe da inteligentzia portuguesa. Os críticos sociais e políticos sintetizavam até a penúria da

mentalidade indígena e a correspondente acção cultural governativa com o estribilho frequentemente citado: «o fado é qu'induca e a bola é qu'instrói».

Pois bem: passaram-se já onze anos após a Revolução dos cra-

Editorial

vos e nós infelizmente constatamos que nunca em tempo algum da vida nacional o futebol teve tanta força social, económica e política. Os jornais continuam a ser os melhores indicadores dessa evolução, ou antes, involução. Raro é o dia em que as primeiras pági-

nas dos principais diários não noticiem em Flashs sugestivos que determinado jogador mudou de clube por verbas altíssimas (aquilo que um funcionário público não perfaz ao longo da sua carreira), que a mulher dum certo craque é vedeta na cidade de Bordeus, que os directores dos clubes da 1.ª divisão se reuniram em tal sítio, que os da 2.ª se vão reunir também. Um treinador do Porto, aliás muito prestigiado faleceu, e um diário português dedicou-lhe nove páginas. Gomes marcou o ano passado um golo de cabeça e a televisão exibiu o lance quatro vezes na tarde e noite desse mesmo dia. Um clube fica campeão da respectiva série e logo na entrevista subsequente um seu director vem declarar para quem o quer ler e ouvir que a Câmara lá do sítio deu uma

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

P.º Jerónimo Chaves

(CHAVES COUPON)

«Para honra e glória de V. Ex.º cá eu tenho às costas duas suspensões, mal, indevidamente. Aprimeira em 30 de Junho de 1918, indeferindo o meu requerimento, em que respeitadamente, pedia licença para celebrar e confessar».

Com estas palavras iniciava o nosso conterrâneo P.e Jerónimo Gonçalves Chaves a Terceira Carta Aberta ao Arcebispo de Braga inserta no n.º 6 de Grulha de 1-5-1919. O seu conteúdo prosseguiu nos números seguintes e terminar com o n.º 12, em 12 de Junho de 1918. A Primeira Carta começou a ser escrita no «O Novo Porto» de 26 de Outubro de 1918. Não encontramos a Segunda mas presumimos que tivesse sido publicada no intervalo destas datas. Desconhecemos em que jornal.

Todas elas revestem um tom duro, porventura truculento, se atentarmos que

eram escritas por um simples padre ao seu ascebispo, e que contribuíram sem dúvida para tornar mais famoso o nome do seu autor.

Mas famoso porquê? Por dois motivos poderosos, não aferindo nós qual o de maior força: se por ser exorcista afamado, se pela luta estrénuo que travou pela construção de um porto de mar no abrigo dos Cavalos de Fão.

Começemos por analisar a primeira faceta. Enquanto capelão da Senhora do Amparo, na Apúlia, dedicava-se ao mister de enxotar diabos, ou seja, era um exorcista e a Criáz vinham doentes de todo o Portugal, muitos da província do Minho e outros tantos de várias partes do País. Tão grande era a sua fama que um escritor, ao tempo na berra, Antero de Figueiredo, veio de alongada de Lisboa e foi até Criáz para presenciar *in loco* as proezas de um cura de quem um amigo, o Conde de Vilas Boas, lhe



chamara a atenção e que inclusivé o acompanhou até Apúlia.

Antero de Figueiredo, que ali se apresentara na qualidade de parente de uma moça que devia estar possessa, conversou demoradamente com o P.e Chaves, analisou-lhe o perfil, apreendeu a dimensão exacta da sua personalidade, assenhoreou-se dos casos mais típicos que passaram pelas mãos do seu interlocutor e escreveu depois um opúsculo,

(Continua na pág. 3)

EDITORIAL

[Continuado da pág. 1]

ajuda muito substancial. A este propósito atente-se no fenómeno desportivo da Madeira: os três primeiros lugares da Segunda Divisão da zona Sul foram ocupados permanentemente por três clubes daquela ilha o que representa muitos milhares de contos atribuídos pelo governo local.

Padre Jerónimo Chaves

[Continuado da pág. 1]

Senhora do Amparo, onde o nome do nosso conterrâneo aparece eternizado com o nome de Padre Liberato. Em boa verdade o livro não retrata um exorcista, antes um curandeiro. No íntimo o P.e Jerónimo Chaves tinha consciência de que era isso mesmo e a um ou dois amigos chegou a confidenciar que em toda a sua vida si uma vez tinha encontrado um autêntico possesso. No entanto o Padre Liberato fazia muito «teatro» para impressionar e ganhar nome e tanto o seu nome se empolou que começou a fazer ressonância às portas do Paço Arquiepiscopal. E a disciplina da Igreja não se fez esperar. Por portaria conónica de 25-01-1915, foi proibido de ler os exorcismos. Como insistisse, surgiu a primeira suspensão em 30-6-1918 e a segunda em Abril de 1918. Sempre o P.e Chaves declarou que após o primeiro castigo, não mais lera os exorcismos. Nas referidas cartas acusou o Arcebispo de Braga, D. Manuel Vieira de Matos, de o ter suspenso por motivos políticos, concretamente por ele, P.e Chaves, ter dado o seu voto ao republicano Fonseca Lima e não ao dr. Pacheco de Amorim que gozava da estima do Arcebispo. Aliás o antístite bracarense exerceu represálias sobre o pároco de Fão, P.e Azevedo, Cónego de Gemeses e P.e Giesteira e tanto quanto conseguimos descobrir o fundo dos motivos era de natureza política.

O nosso conterrâneo é muito eloquente e veemente nas suas cartas, sente-se vítima de grave injustiça até que, conformado ou desesperado, acabou por escrever: «Eu dou-me por suspenso do exercício das minhas ordens enquanto V. Ex.^a for Arcebispo de Braga».

(continua)

Depois são reuniões dos Presidentes dos clubes com membros do Governo e ameaças veladas ou às escâncaras de não apoios eleitorais se determinados desígnios não forem conseguidos, o que representa uma nova modalidade do caciquismo à aufrance. Que dizer da não obrigação dos jogadores aos impostos? Que é duma agressividade chocante.

Em face do que nos é dado observar, pensamos que nunca o futebol exerceu uma acção tão alienante e eleitoralista como nos nossos dias. Vamos afirmar que se voltou ao antigamente mas não o ousamos fazer. O antigamente foi ultrapassado. O futebol suga dinheiro por todos os cantos. São subsídios, são transportes, são jurros escamoteados. Agora pretende-se que o Estado pague o policiamento nos campos de jogos e que o totobola seja desviado da sua acção eminentemente social e contemple com outros olhos o desporto das multidões.

Lamentavelmente todos esquecem que a penúria de casas nunca foi tão grande, que os pedintes enxameiam as cidades, que as cadeias abarrotam de presos, que a fome é uma realidade neste país paupérrimo.

É verdade que não nos extremamos ao ponto de dizer que não deveriam ser criados mais estádios enquanto houver pessoas a dormir nas escadas do metropolitano ou

nos bancos do jardim. O entretenimento faz parte do viver das gentes e numa sociedade como a nossa é quase tão necessário como o pão para a boca. Entendemos porém, que o futebol deve viver de si próprio já que gera receitas e são essas mesmas receitas quem o deve alimentar. Os dinheiros que faz drenar do erário público constituem verdadeiros desvios de sectores fortemente carenciados da nação. Infelizmente todos temos consciência destes exageros mas também temos a certeza que a escalada vai continuar.

VIVER A NATUREZA

Se eu fosse poeta cantaria,
Deste Universo, a sua beleza,
Pois sempre que revejo a Natureza,
Descubro algo que então desconhecia.

São os rios e prados verdejantes,
Montes e serras com sua dureza,
As planícies enormes em grandeza,
Inundando-as o sol de tons brilhantes.

São árvores e flores nos caminhos,
Mesmo nas pedras há sempre um rebento;
Olhal as aves preparando os ninhos;

É a chuva, o calor e mais o vento,
E até mesmo esses ásperos espinhos,
Ao mundo dão o seu encantamento.

16-04-85

Fernando de Almeida



O descanso desejado...

HOTEL DO PINHAL ★★ ★

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gestão pelos proprietários)



Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.



UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

O VERDADEIRO BANCO DO NORTE

Conversando...

CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

ENVELHECER

Não é de ânimo leve que uma mulher vê aparecer o primeiro cabelo branco e nota o vinco da primeira ruga.

E afinal, envelhecer, é um tributo a que ninguém pode fugir, a não ser aqueles que o pagam com a morte prematura.

Mas saber envelhecer é uma virtude, e, além duma virtude, uma sabedoria.

Não há pessoas que se sentem velhas aos 30 nos e outras que são jovens aos 60? ...

Por isso os cabelos brancos e as rugas não so sinónimo de velhice.

É o espírito a bússula da nossa vida e é ele que orienta os nossos pensamentos e nos leãva a viver, ou sobre uma onda o optimismo ou sobre um mar de desalento.

É ele ainda, que marca em nós, as décadas do tempo, e se tal acontece, o resot pode ser belo e jovem, mas nada há que lhe possa emprestar a luz radiosa da esperança, o encanto da ilusão e a maravilhosa alegria de viver!

No entanto, se dentro de nós, o espírito for chelo de vigor e de entusiasmo, a aparência da idade pouco vale, comparada com o reflexo que pode haver num olhar ou num sorriso chelo de confiança.

Já pensaram que em todas as idades e coração pode albergar esperanças e ilusões?

Não é só a mocidade que é possuidora de coisas maravilhosas e sedutoras ...

Todas as épocas da vida são belas, se soubermos imprimir nas suas páginas, muita fé em nós próprios e muita confiança nos outros!

Só assim poderemos ver passar os anos, sem a mágua de os termos desperdiçado irreparavelmente.

E depois há a lei das compensações.

Se no verão da vida há a plena alegria de viver e a convicção de podermos vencer todos os obstáculos, no seu outono também encontramos motivos incomparáveis de beleza ...

Comparemos com a Natureza.

Como são apreciáveis as tardes calmas e serenas do fim do verão, e o repouso, depois dum longo período de preocupação! Assim é a vida, também.

Depois de longos anos de labuta, vem finalmente o repouso e então é a hora das recordações.

Finalmente vêm à nossa mente, como fantasmas, as imagens duma primavera cheia de sol e florida, e, nessa hora é que lhe colhem os frutos saborosos.

No entanto, para isso, é preciso que no começo da vida, saibamos escolher boas sementes, para que na hora da colheita, todos os frutos sejam belos e sãos.

Vem depois o Inverno que cobre tudo de neve, semelhante à velhice que nos branqueia a cabeça ...

Mas que importa essa quadra da vida,

se dentro de casa há uma brazeira, e, à volta dessa brazeira, o calor que vem do carinho dos filhos e do sorriso dos netos?

Quanta ternura não tem o gesto da neta mais velha, quando vem por no regaço da avó, as primeiras contas do rosário, do longo rosário da vida ...

Restam por fim as horas de recolhimento, meditação e o grande mundo das recordações.

Lembramos então um passado que não

volta, uma vida que se soube viver e que se recorda com infinita saudade ...

Saibamos, portanto, envelhecer.

Não são os anos que marcam uma idade; mas sim o peso que um dos pratos da balança da vida, pode fazer pender para um dos lados.

A única maneira de viver e gozar as alegrias da hora presente é acompanhar os anos, com um passo certo e seguro.

Não devemos correr atrás do tempo que passou, nem ficar indiferente aos anos que não-de vir.

O que é necessário é aceitar sabiamente tudo o que Deus tem para nos dar.

Até o próprio sofrimento, nos ensina a apreciar melhor, as alegrias que recebemos depois.

Julho de 1985

DESporto



MARINHO entrevistado pel'«O Novo Fangueiro»

Com gente da casa não vamos a parte nenhuma. No fim do Campeonato livemos que lançar mão de cinco a seis juniores

O futebol em Fão está a decair continuamente. Há três anos veio da 1.ª para a 2.ª Divisão. Há dois ficou muito cá em baixo. Este ano só não desceu para a terceira porque houve alargamento.

E este ano, Marinho? (Como pode ver noutra local, Marinho ontem um simples marçano, hoje, um próspero comerciante da nossa terra, é o actual Presidente do F. C. de Fão. Nessa qualidade o nosso jornal foi ouvi-lo).

—Vamos tentar à partida melhorar 100%.

—Mas como?

—Com melhor treinador e melhores jogadores.

—Onde os vai buscar?

—O treinador virá de fora. É o João Vieira que já treinou o Esposende e já salvou o Fão numa situação aflitiva. Está previsto que virão ainda de fora 80% de jogadores. Com gente da casa não vamos a parte nenhuma. Ao fim do campeonato tivemos que lançar mão de cinco a seis juniores. Começaram a falhar, a falhar e no fim do ano não havia gente. Não se pode contar com eles. não há bairrismo.

—E como vai ser o critério de escolha?

—Esse será um problema do treinador. Nós queremos andar para a frente e ele vai dizer-nos de que gente precisa. Nós naturalmente teremos que arranjar gente.

—Bem isso vai custar algum dinheiro. Terão que pagar a atletas ...

— Naturalmente que vai haver os necessários custos. Teremos que pagar a alguns atletas e logicamente teremos que arranjar dinheiro. Com esse objectivo está a arranjar-se uma comissão de angariação de fundos que será presidida pelo Umberto Didier. Já estão esboçadas umas brincadeiras: um motocross, uma corrida de galgos, uma tómbola. Enfim já se trabalha nesse sentido.

—Pensam vir para a rua com algum peditário?

—No meu ponto de vista e para já o peditário será feito apenas entre comerciantes e Industriais. Depois se verá. É que temos boas perspectivas com o Esposende. Eles pensam atingir a 2.ª Divisão Nacional. O Zé Albino vai para lá treinar. Haverá um intercâmbio entre os dois clubes. Nós vamos dispensar-lhes alguns juniores e eles vão emprestar-nos jogadores que com a sua experiência vão ser uma grande ajuda para o Fão. Isto é o que está assente mas ainda não acertamos agulhas.

—Resumindo: vamos mesmo para a frente?

—Eu fiquei este ano no futebol para apostar 100% no sentido de uma melhoria.

—Isso vai acontecer?

—Pode ter uma certeza. Isto não vai ser como o ano passado.

Felicidades Marinho e seus muchachos.

N. R.—Esclarecemos que o editorial abrange apenas os nacionais.

TRANSMISSÃO DE TAREFAS NO ROTARY CLUBE DE ESPOSENDE

Na última sexta-feira deu-se a transmissão de tarefas nos rotários de Esposende de que o mesmo é dizer, houve mudança do corpo directivo como acontece todos os anos.

É, aliás, um dos aspectos da democraticidade do movimento rotário: cada presidente não pode durar mais que um ano e, findo o mandato, vai colocar-se, ou antes, vai ser mais um elo da roda dentada, sem qualquer tacho adveniente como acontece em política.

Pois no referido dia 7, passou a exercer o cargo de Presidente do Rotary Club de Esposende o Sr. Simplício de Sousa, gerente do Banco Pinto e Sotto Mayor, em Braga, sucedendo assim ao dr. Agostinho da Rua Reis, presidente cessante.

É natural e lógico que cada presidente, findo o exercício, se interrogue acerca do seu trabalho ao longo dum ano. «Que fiz eu à frente do meu Clube a favor da comunidade concelhia?»

Felizmente que o dr. Reis pode orgulhar-se de ter sido durante a sua Presidência que se iniciou e quase concluiu a já conhecida casa que os rotários de Esposende vão oferecer a uma família pobre e numerosa de Curvos. Convém esclarecer que esta casa não está a ser feita a expensas exclusivas dos rotários. Os seus custos andam à volta dos 1.200 contos, fora o terreno e mão de obra, e a sua realização fica a dever-se a uma convergência de boas-vontades, estas sim, despoletadas pelo Rotary Club de Esposende. É verdade

que os rotários tiveram que entrar com algum (para o empurrão inicial) mas depois houve necessidade de bater a algumas portas (e essa tem sido a principal missão) de modo que com muita conseqüência e preocupações conseguiram dar corpo a esse sonho lindo que é oferecer uma casa decente a uma família necessitada.

Eis a lista das boas vontades:

D. Lili Pereira Lima, Curvos, ofereceu o terreno; P.e Pires Afonso, Reitor de Curvos, 20.000\$00; José Maria Eiras de Azevedo, Curvos, 10.000\$00; D. Corina Souto, Curvos, 50.000\$00; António Alves Ribeiro, Marinhãs, ofereceu as telhas; Francisco de Sousa Domingues, de Fão, dois quartos de banho e portas interiores; Eugénio Pinheiro, Viana, tijolos para as placas; Reis Pinheiro, Viana, ofereceu as vigas; Manuel Silva, Rio Tinto, a areia. Os rotários avançaram para já com 80 contos e o Governo Civil prometeu a sua ajuda.

Foi ainda destacada a acção de dois rotários: António Oliveira e Dr. Horácio Lage.

Entretanto a festa decorreu com a alegria e o entusiasmo que é apanágio destes encontros. O dr. Agostinho Reis, momentos antes de entregar o facho ao seu sucessor, fez um balanço a toda a sua acção ao longo do ano. Vários rotários usaram também da palavra para encorajar o novo presidente, ao mesmo tempo que enalteciam o trabalho desempenhado pelo presidente cessante. Falando em nome dos clubes presentes, o representante da Póvoa de Varzim advertiu o Presidente Simplício que para o ano não deve continuar a insistir com a casa de Curvos. Esta é uma realização que vai passar à história e na próximo ano, em idêntica cerimónia, o Simplício de Sousa vai ter que esclarecer todos os presentes das nobres e honrosas missões em que empenhou todos os companheiros do seu Clube. De resto — acrescentou — uma homem nascido na Póvoa, modelado em Barcelos, refinado em Braga, vai encontrar em Esposende as condições ideais, ecossistémicas para bem se realizar.

RESTAURANTE LIMA

O Restaurante Lima, situado junto à Sonap, em Esposende, passou a ser gerido a partir do corrente mês pelo nosso amigo e ex-sócio da Rita Fanguelra, Manuel Piementa.

Dadas as qualidades de trabalho demonstradas já por este dinâmico riotintense, acreditamos no êxito que vai conseguir à frente do seu restaurante.

Desejamos-lhe felicidades extensivas a sua dedicada Esposa.

UMA RÉSTIA DE ESPERANÇA

(Continuado da pág. 16)

em gestos de fraterna solicitude porque o egoísmo deu lugar à solidariedade; a violência foi substituída pela compreensão; a indiferença tornou-se calor humano; o ódio foi afastado pela fraternidade.

Foi bom que tivesse acontecido. Atitudes como esta são necessárias para restabelecer a nossa abalada confiança no futuro da Humanidade.

Porque, num mundo geralmente dominado pelo ódio, pela violência, pelo egoísmo, pela indiferença, enquanto houver quem estenda a mão ao seu semelhante, enquanto a solidariedade, a fraternidade, a compreensão, se afirmem em atitudes como esta, podemos ter a certeza de que nem tudo está perdido, de que ainda existe para a Humanidade uma réstia de esperança.

E. Real

TERRENO

CERCA DE 3.200 m²

(a 500 m. do Campo de Futebol)

ESTRADA DE FÃO — APÚLIA

TELEF. 485945 — PORTO

TRATA O PRÓPRIO

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.º — Telef. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZÉNS:

Rua Roberto Ivens, 903 — Telef. 930647
4750 MATOSINHOS

Dicionários EDITORA

A vasta coleção «Dicionários Editores» acaba de ser enriquecida com a publicação da 8.ª edição do Dicionário de Língua Portuguesa.

Uma obra inovar para o nosso país, feita em métodos somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria geralizada, como de especialidade.

Enriquecida não só no aspecto etimológico, com muitas novas palavras e origens e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do apêndice de equivalentes e locuções estrangeiras.



O Dicionário de Língua Portuguesa — 8.ª edição — é a obra mais importante e atualizada do nosso país. É uma obra de referência para todos os que se interessam por aprofundar os seus conhecimentos em Língua Portuguesa e em outras áreas da cultura e da ciência.

PORTO EDITORA, LDA.
LIVRARIA ARMADOURADA
RUA L. FERNANDES, 100
4000 PORTO

FALECIMENTOS

Num dos caminhos das imediações do campo de futebol foi encontrado morta, no domingo, dia sete, o sr. Alberto Miranda, mais conhecido pelo Berto Mexilhão.

O Berto era um rapaz muito animoso que durante alguns anos ensaiou a «Marcha» das Pedreiras.

Problemas familiares não lhe proporcionaram um fim de vida feliz.

Paz à sua alma.

Pelo falecimento de seu irmão Rev. Dr. Manuel Correia da Fonseca (salesiano) encontra-se de luto o nosso bom amigo Dr. Juiz José Ramos da Fonseca.

Os nossos sentidos pêsamos.

Pelo falecimento de seu Pai, José Rodrigues da Silva, ocorrido há dias, encontra-se de luto a enfermeira do Posto de Caixa em Fão, D. Maria da Graça Gomes da Silva.

O nosso pesar.

Pagamento de Assinaturas

Pagaram a assinatura deste ano os srs.: Manuel da Cruz Pimenta, Fão, 500\$00; Prof.ª D. Berta Pinto de Campos, Fão, 500\$00; Paulino Pinto de Campos, Porto, 500\$00; Óptica Oliveira, Braga, 500\$00; Aleixo Manuel Fortes Ferreira, Braga, 500\$00; José Manuel Pires Belo, Fão, 500\$00; Dr. Joaquim Alberto Barros Peixoto, Esposende, 500\$00; Umberto Didier, Porto, 500\$00; Dr. Carvalho Matos, Fão, 500\$00; Dr. Américo Seixas, Porto, 500\$00; Farmácia Higiênica, Fão, 500\$00; Dr. Rui Esteves, Porto, 500\$00; Sapataria Silmar, Esposende, 500\$00; Manuel Silva, Rio Tinto, 500\$00; Manuel José Dias Ferreira, Esposende, 500\$00; Dr. Agostinho Rua Reis, Esposende, 500\$00; João Nunes da Silva, Esposende, 500\$00; Sérgio Mendanha, Porto, 500\$00; D. Maria Adelaide Mendanha, Fão, 500\$00; Francisco Vilar Soares, Porto, 500\$00; Francisco Vilar Soares, Porto, 350\$00 (ano transacto).
 Bem hajam.

No início do 2.º ano da sua publicação devolveu-nos o jornal a Tipografia Vieira sem pagar qualquer assinatura.

Um assinante de Fão, pessoa com responsabilidades e possibilidades, entregou a quantia de esc.: 350\$00, para pagar a assinatura deste ano, dizendo ao nosso amigo Zé Barbeiro: «Se eles quiserem assim, fico assinante; se não, não fico».

Entretanto o Arquitecto Pádua ofereceu 90 contos para solver dívidas do jornal; o Director, 30 contos.

O bairrismo é algo muito complexo.

Arraial Minhoto

Todos os sábados há arraial minhoto no quintal dos Bombeiros, agora alargado ao prédio vizinho.

Embora não tivéssemos sido avisados, soubemos que a inauguração foi no penúltimo sábado, tendo sobressaído entre os demais números o Grupo Infantil dos Sargaceiros de Apúlia.

Como se esperava os turistas estrangeiros têm comparecido em número razoável.

Parabéns a Abel da Costa e seus muchachos.

PELA CÂMARA

Acaba de ser adjudicada pelo valor de 24.832 contos a execução da empreitada de reconstrução da casa do Arco e sua adaptação à casa da Cultura de Esposende, obra a concluir em 14 meses.

ENTRE NÓS

Já se encontra em Fão, a nossa prezada colaboradora, D. Cecília Paixão Amorim, acompanhada de seu marido, o nosso amigo sr. Major Amorim.

Fazemos votos de uma boa estadia e reiteramos ao sr. major os desejos de uma franca recuperação.

FALTA DE ESPAÇO

Por absoluta falta de espaço não pudemos inserir hoje uma reportagem sobre o A.S.T.A. de que é presidente o nosso conterrâneo António Torre, o caso do Priorado, a imprensa em Fão, Postais da nossa terra, Uma Chávena de Café, Aumente o seu Colesterol, um poema sobre a Terceira Idade, de E. Mendanha, Diverso Noticiário e ainda a colaboração de Dinis Vilarelho.

NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saralva

COLABORAM NESTE NÚMERO:
 Dr. Armando Saralva
 Dr.ª Maria Emília Corte-Real
 Cecília Paixão Amorim
 Fernando de Almeida
 Zinha

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saralva
 José Augusto A. Nobre Medureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão
 Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
 Praça João XXIII — Telef. 60318
 4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual 350\$00

A cobrança de «O Novo Fanguelro» através de «Os Correios» será por conta do assinante



o melhor café
é o da

A BRASILEIRA
PORTO

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, L.DA

création ARMAÇÕES — ÓCULOS SOL

CAZAL

RUA DA MISERICÓRDIA, 2-16 — 4700 BRAGA • TEL. 75777

LongaVida



o que é bom da natureza

Da minha



varanda

por ZINHA

Domingo, 30 de Junho houve Profissão de Fé e Primeira Comunhão na Igreja Matriz

E lá passaram os meninos e as meninas da Comunhão!

Felizes elas nos seus vestidos lindos, brancos, compridos; felizes eles. Nos seus sapatos de verniz, nos seus fatos, coletes e laços. De alma cheia, tanto eles como elas!

Com cada um, seus familiares apurados, seus padrinhos orgulhosos, seus vizinhos e amigos, vaidosos.

É sempre um dia grande, lindo, inesquecível que nos faz, por isso, re-crear no tempo.

Que azáfama a nossa preparação para a Comunhão Solene! Estudava-se muito e que importância tínhamos quando frequentávamos já a 4.^a classe, na Catequese. Quanta «doutrina» era preciso saber até sermos considerados aptos e podermos finalmente conseguir um diploma com 14 ou 16 valores! Recordo os nossos ensaios para a Comunhão Solene. Corriamos todas as tardes para a Igreja onde já nos esperavam as nossas catequistas dedicadas e o sr. Padre Borda que «aquecia» o órgão para não perderr. Aprendíamos com facilidade os cantos, entoávamos com a doçura própria da idade e nunca nos cansávamos de repetir, uma, duas, três vezes...

A festa, a grande festa, aproximava-se! O vestido já estava pronto (quase sempre alugado, pois ficava muito caro fazê-lo só para aquele dia). Que importava, se naquele momento era só nosso, e não era isso que estava em causa. Depois, naquele tempo, estávamos habituados a pouco, e sempre havia os sapatos novos, as meias e a roupa interior também.

Domingo. Nove horas da manhã. Tudo se preparava para sair e acompanhar as comunhantes. O grande cortejo se formava e entrávamos felizes na Igreja, rapazes e raparigas, ao mesmo tempo que entoávamos:

*Almas brancas e floridas,
Vimos cheias de alegria
Para sempre unir de vidas,
A Jesus Eucaristia ...*

E o sr. Prior Nogueira nos acolhia, nos saudava e aos nossos pais.

A Igreja estava repleta para as cerimónias. A certa altura, no decorrer da Missa, havia uma «pregação» feita por um menino e outra por uma menina. Recordo que era um texto grande que tive de decorar e que falava, a certa altura, de uma criança que foi assim bater à porta do Sacrário: — Truz! Truz! Truz! Estás aí, Jesus? E o Jesus falou-lhe, tal como falava a nós, naquele dia. Eu, em cima de um banco, pousadamente, como o saudoso sr. Prior Nogueira que ensinou, ia falando, enquanto ele parecia beber as minhas palavras e lhe via, com espanto, os olhos a nadar em lágrimas!

E depois, o momento de pedir perdão aos pais! Com que ansiedade os procurávamos na Igreja e nos confundíamos num grande e terno abraço — Perdoar? O quê? Sentíamos que era essa a resposta dos nossos Pais. Toda a gente tinha pai, tinha mãe, ali. Que felizes nós éramos! E todos os momentos

da Missa, eram vividos intensamente. Saíamos arrasados de tanta emoção!

Cá fora, os cumprimentos, a distribuição de «santinhos» às pessoas amigas e depois a visita pelas casas de todos familiares e amigos. — Que bonita estás! Que lindo dia este para ti! Nunca esqueças o dia de hoje!

Eram sempre as palavras que recebia e mais uma nota de vinte ou cinquenta escudos. Era tudo metido num envelope e guardado religiosamente. E havia o almoço melhorado e à tarde, outras cerimónias na Igreja que terminavam com a Procissão.

Grande dia aquele! Promessas e juras, vestido branco, sapatos novos, carinho, festa, alegria, dinheiro!

E ainda recordo que na parte da tarde do dia seguinte, segunda-feira por tanto, como presente, me deixaram alugar uma bicicleta pequena, no sr. Rosas. Foram três horas (não sei a como se pagava cada hora), três horas felizes, em que andei, dei trambolhões, me esfarramei, pus os joelhos a escorregar, mas valeu a pena, pois aprendi, finalmente, a andar sozinha!

Foi esta também, uma boa recordação da minha Comunhão!

O Mundo em que vivemos

UMA RÉSTIA DE ESPERANÇA

É um caso tão singelo, comparado com toda a gama de notícias sensacionais que os meios de comunicação trazem diariamente até nós, que deve ter passado despercebida a muita gente. Tão simples e tão desprezioso que se conta em poucas linhas. Mas aconteceu — e o importante é que tenha acontecido.

Um casal, por razões que não são do nosso conhecimento, foi condenado ao pagamento de 13 000\$00 de multa cada um. O marido, por não possuir essa quantia, recolheu a Custódias. Apresenta-se então a mulher perante o pelotão da Polícia de Segurança Pública encarregado do assunto, e diz da sua aflição: não tem dinheiro para pagar a sua multa, mas tem, em contrapartida, três filhos pequenos, de idades entre os 3 e os 8 anos, que ficarão entregues a si próprios, no mais completo abandono, se a mãe for presa.

O Chefe do Pelotão ouve, e as palavras da mulher aflita não se perdem. Não é escutada com indiferença, antes com interesse e humanidade. O próprio Chefe do Pelotão inicia entre os seus agentes um peditório para angariar o preço da liberdade da desesperada mãe. Reúne 2.000\$00 e, para obter o restante, irá deslocar-se a outras esquadras; mas não chega a ser necessário. No trajecto, encontra um comerciante seu conhecido que, ao saber do que se passava, oferece, imediatamente e espontaneamente, os 11.000\$00 que faltavam.

E, como nos contos em que há uma fada boa, tudo acaba em bem: a atribulada mãe, sorrindo entre lágrimas de alívio e gratidão, regressa ao lar e aos filhos, que já não terá que abandonar.

E isto porque houve mãos que se estenderam, não para ferir, não para matar, não para torturar, mas para acudir

(Continua na pág. 4)

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO